

# **O ESPÍRITO ENTRE TOPEKA, LOS ANGELES E CHICAGO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS PENTECOSTALISMOS DE PARHAM, SEYMOUR E DURHAM**

Tiago de Moraes Kieffer<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise comparativa das experiências protagonizadas por três personagens centrais na história do pentecostalismo: Charles Fox Parham, Willian Seymour e Willian Durham. Será considerado nessa análise o contexto de formação das teologias de cada personagem, suas biografias pessoais, bem como as semelhanças e diferenças dos pontos básicos de cada teologia que foram pensados, interpretados e ressignificados pela multidão de pentecostais que seguiram estas lideranças. Para realizar isso nos basearemos em pesquisas feitas por teólogos e historiadores de origens diversas, pois consideramos que esse tipo de estudo seja urgente no Brasil, haja vista a falta de estudos e informações sobre o tema em nosso território.

**PALAVRAS-CHAVE:** PENTECOSTALISMO PRIMITIVO; PARHAM; DURHAM; SEYMOUR.

## **ABSTRACT**

This work aims to make a comparative analysis of the experiences carried out by three central characters in the history of Pentecostalism: Charles Fox Parham, William Seymour and William Durham. This analysis will consider the context of formation of the theologies of each character, their personal biographies, as well as the similarities and differences of the basic points of each theology that were thought, interpreted and ressignified by the multitude of Pentecostals who followed these leaders. To accomplish this, we will base ourselves on research carried out by theologians and historians of different origins, as we consider that this type of study is urgent in Brazil, given the lack of studies and information on the subject in our territory.

**KEYWORDS:** PRIMITIVE PENTECOSTALISM; PARHAM; DURHAM; SEYMOUR.

## **INTRODUÇÃO**

Hoje já não é mais necessário justificar o porquê da importância do estudo sobre o movimento pentecostal. Nas diversas áreas do conhecimento o movimento é estudado sob as perspectivas históricas, sociais e até mesmo psicológicas. Por outro lado, apesar de ser um movimento muito pesquisado, no Brasil as pesquisas históricas sobre o pentecostalismo tratam a origem do movimento de forma resumida, não apresentando as suas complexidades. Ter essa constatação não é fazer um juízo de valores acerca da historiografia brasileira que se debruçou

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade La Salle, Mestre em História pela Universidade do Rio dos Sinos, Doutorando em Teologia pela Faculdades EST. Professor de Ensino Básico na Escola Cristã da Brasa.

sobre o movimento pentecostal. Esses trabalhos não tiveram como objetivo pesquisar as origens do pentecostalismo, logo grandes reflexões históricas não teriam lugar em parágrafos dedicados a simples contextualizações. Em outros casos, porém, as experiências centrais de Charles Fox Parham, Willian Seymour e Willian Durham, considerados por muitos como os pais do pentecostalismo, são reduzidas a simples experiências de inspiração para ações futuras dentro do movimento.

No entanto, consideramos que as origens do pentecostalismo em Topeka no Kansas, por meio de Charles Fox Parham e na Rua Azusa em Los Angeles por meio de Willian Seymour servem como molde e modelo para as experiências que se seguiram. Muitas delas corrigiram, adaptaram e desde o começo diversificaram a ação desses dois líderes, como é o caso de Willian Durham. Nesse sentido, presente artigo tem como objetivo responder a seguinte questão: *Quais aproximações e distanciamentos históricos podemos identificar nas experiências dos pentecostalismos primitivos em Topeka, Rua Azusa e Chicago?* A inclusão da experiência em Chicago se dá pela aproximação que as primeiras igrejas pentecostais brasileiras têm com Willian Durham.

O artigo será dividido em alguns tópicos. No primeiro tópico, buscaremos contextualizar o mundo que os personagens viviam, bem como suas biografias pessoais. No segundo tópico, apresentaremos os aspectos biográficos de cada personagem para, no último subtópico, comparar as suas teologias nos movimentos e experiências pentecostais que lideraram em Topeka, Los Angeles e Chicago. Evidentemente, pela limitação espacial de um artigo, não será possível fazer uma análise intensa e exaustiva sobre cada personagem, mas intentamos com a apresentação de aspectos básicos dar luz às categorias pouco pensadas em território brasileiro.

## **1 CONTEXTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO**

Os locais de nascimento e desenvolvimento dos personagens de nossa análise são bens distantes um do outro. Charles Fox Parham nasceu em Muscatine, estado de Iowa, mas foi no estado do Kansas que cresceu e desenvolveu a sua teologia, principalmente em Topeka. Já Willian Joseph Seymour nasceu em Centerville, no estado da Louisiana, mas ingressou no movimento negro de santidade em Indianópolis no estado de Indiana e teve seu ministério conhecido a partir de Los Angeles, Califórnia. Já Willian Durham nasceu em Brodhead, uma cidade do condado de Rockcastle no Kentucky, mas seu ministério pentecostal ocorreu em Chicago, Illinois. Se considerarmos uma viagem pelos estados onde os ministérios de Parham,



plano de fundo principal eram as construções de ferrovias em contexto onde a expansão para o Oeste era uma realidade. O governo federal havia doado terras para empresas ferroviárias. Kenneth C. Davis chegou a argumentar que os fazendeiros do Kansas compreendiam esses empresários ferroviários como “monstros cingidos de aço da ganância” que tinham o poder de matar a agricultura e os negócios que dependiam dela naquela região. Além disso, quando a terra não era mais utilizada pelos empresários ferroviários não era alocada para a agricultura local, mas sim vendida para investidores estrangeiros, o que aumentava o descontentamento dos habitantes locais<sup>3</sup>.

Apesar disso, a década de 1880 foi de crescimento urbano e populacional para o Kansas. Se em 1885 haviam 1.268.530 pessoas no Kansas, em 1888 haviam 1.518.552. O governo dos EUA, apesar do descontentamento dos fazendeiros, também dava créditos fáceis para a plantação. O crescimento econômico, a modernização de técnicas agrícolas e as altas chuvas contribuíram para o *boom agrícola* que fez com que Parham nascesse em uma família relativamente abastada. No entanto, no final de 1887 parecia que o *boom agrícola* estava no fim por conta das secas que ocasionaram o aumento do preço das safras e consequentemente o aumento de dívidas, hipotecas e a venda de propriedades a menores custos em nome da sobrevivência. É nesse cenário que vai nascer um grupo que é pouco falado, mas que foi importante para a concepção social da mentalidade de Parham: o populismo<sup>4</sup>.

Antes de seguirmos a nossa análise acerca do populismo é importante que se defina conceitos. Esse é um termo complexo, pois já foi usado tanto de forma positiva como de forma pejorativa em língua portuguesa. Por exemplo, a República Democrática brasileira em vigor entre os anos de 1945 (com constituição em 1946) até 1964 era a chamada nos livros didáticos de República Populista até pouco tempo. Ainda hoje o governo de Juan Domingo Perón na Argentina é considerado por muitos como populista. Por outro lado, o Partido de Representação Popular, herdeiro da Ação Integralista Brasileira, se auto declarava como populista, utilizando, segundo a concepção deles, o termo de forma positiva<sup>5</sup>. É importante esclarecer que os termos pejorativos à palavra populismo, principalmente àquele direcionado para a realidade brasileira, teria sido desenvolvido em um período ditatorial, onde se buscava utilizar como argumento o

---

<sup>3</sup> ROOT, Jonathan. A People's Religion: the populist impulse in early Kansas pentecostalism, 1901-1904. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Kansas State University, Manhattan, 2009.

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> O Partido de Representação Popular foi herdeiro do integralismo fascista da década de 1930. Para maiores informações sobre o partido criado por Plínio Salgado, ler Calil (2011).

colapso do período democrático por causa do populismo. Nesse caso, ao trabalhar com o partido populista do Kansas, iremos seguir os conselhos de Jorge Ferreira que ao analisar a sociedade brasileira orientou que os fenômenos fossem vistos a partir dos nomes que eles utilizavam no período e não em sínteses criadas a posteriori<sup>6</sup>.

Dessa forma, os *populistas* que surgiram nesse contexto no Kansas eram autodenominados assim, representando o *Partido Populista*. A gênese desse partido no Kansas foi a formação da chamada *Patrons of Husbandry* em 1867, organização responsável pela fundação de cooperativas, moinhos, fábricas e bancos como um intermediário em defesa do agricultor. Apesar de não apoiar nenhum partido, colocava-se a favor de pautas como ferrovias estaduais no Centro-Oeste estadunidense. Não era reconhecido pela Suprema Corte dos EUA, mas a associação ajudou a criar o *Independent Reform Party* (Partido da Reforma Independente), o qual ganhou o segundo maior número de votos no Kansas em 1874, perdendo apenas para o Partido Republicano. Inúmeros partidos foram criados no Kansas com essa intenção social, mas foi em 1890 que foi escrito uma plataforma para o Partido Populista do Kansas. A ideia era:

criar um “governo popular” que reformaria o establishment político contemporâneo e melhoraria a sociedade por meio da intervenção governamental direta. A plataforma do Partido do Povo do Kansas declarava: “A terra é a herança comum do povo; toda pessoa nascida no mundo tem direito igual a todas as outras a um lugar para viver e ganhar a vida, e qualquer sistema de governo que não mantenha e proteja esse direito inalienável é errado e deve ser mudado ou abolido<sup>7</sup>.”

Curiosamente, o cenário de criação de lideranças populistas foi também a expressão do moralismo e do sentimento anti-religioso do homem do Kansas. Inúmeros populistas ligados ao cristianismo acusavam a igreja de corrupção, hipocrisia, falta de paternidade, indiferença ao sofrimento, apoio ao *status quo* e “igrejismo” (palavra usada para se opor à palavra “cristianismo”)<sup>8</sup>. Parham irá herdar essas críticas ao sistema religioso, fazendo oposição aos seminários de formação de pastores e a institucionalização das igrejas protestantes de sua época. Além disso, acompanhará o sentimento moralista dos populistas. Lideranças populistas como Jeremiah Dunham Botkin, congressista estadunidense entre 1896 e amigo próximo de Parham, foi um dos proponentes da Lei Seca, aprovada em 1888. Além de ser um líder populista, era

---

<sup>6</sup> FERREIRA, Jorge. O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001, p. 380.

<sup>7</sup> ROOT, op.cit., p. 43.

<sup>8</sup> Ibid., op.cit.

ligado ao movimento de santidade da igreja metodista. Suas falas geravam polêmica dentro da instituição:

A pregação de Botkin acabaria por colocá-lo em problemas com alguns membros proeminentes de sua igreja em Wellington, Kansas, mas não por seus pontos de vista de santidade. Em vez disso, ele criou controvérsia porque aparentemente estava “pregando política”. Em sua própria defesa, ele disse que nunca “expressou um sentimento partidário”, mas que ele simplesmente denunciou os males do dia, como qualquer pregador responsável faria. No entanto, ele afirmou: “Isso foi demais para os nervos sensíveis de meia dúzia de ditadores auto constituídos na igreja e meia dúzia de velhos chefes do partido do lado de fora”<sup>9</sup>.

Esse foi o cenário que Charles Fox Parham cresceu e desenvolveu a sua teologia. Topeka, por exemplo, capital do Kansas, será a cidade que Charles Sheldon, pregador do Evangelho Social, escreverá o livro *Em Seus Passos o Que Jesus Faria?*. Bearman e Mills compararam a produção do pentecostalismo primitivo com o evangelho social. Segundo eles, Sheldon e Parham se esforçaram ao responder as mazelas sociais de seu tempo e as demandas do povo ao focar nos menos afortunados. O Pentecostalismo e o Evangelho Social emergiram em Topeka e em todo o Kansas “como centrais na história da religião americana” no final do século XIX e início do século XX<sup>10</sup>.

O contexto de crescimento de Parham influenciou sua ênfase social – que inclusive é excluída por muitos na análise de sua teologia. No caso de Seymour isso também foi verdadeiro. No entanto, nesse caso a intenção não era resolver os problemas sociais do restante da população e nem reivindicar melhores condições de vida, apesar do movimento da *Azusa Street* ter essa ênfase, mas no contexto imediato a necessidade era a sobrevivência em um sociedade pós-escravidão. A escravidão nos EUA teve fim a partir da 13ª emenda aprovada pelo Congresso em 31 de janeiro de 1865. A seção 1 da emenda dizia o seguinte:

Nem a escravidão nem a servidão involuntária, exceto como punição por crime em que a parte deve ter sido devidamente condenada, existirá dentro dos Estados Unidos, ou qualquer lugar sujeito à sua jurisdição<sup>11</sup>.

Segundo os professores de Direito Jamal Greene e Jennifer Mason McAward, a escravidão foi permitida em todas as treze colônias, mesmo que a Declaração da Independência

---

<sup>9</sup> ROOT, op.cit., p. 46.

<sup>10</sup> BURGESS, Stanley; MAAS, Eduard M. Van. *The New International, Dictionary of Pentecostal Charismatic Movements*. Califórnia: Zondervan, 2002.,p. 108.

<sup>11</sup> Texto disponível em <https://constitutioncenter.org/interactive-constitution/amendment/amendment-xiii>. Tradução nossa. Acesso em 20/05/2022.

de 1776 tivesse o princípio da igualdade<sup>12</sup>. No contexto da Guerra Civil Americana (1861-1865) entre a União e os Confederados, estima-se que a população estadunidense fosse formada por um oitavo de pessoas negras escravizadas. Assim como ocorreu no Brasil, a abolição da escravatura não foi a garantia de igualdade para essa multidão de pessoas. O pai de Willian Seymour, Simon Seymour, havia se voluntariado para pegar em armas contra o Sul, “ganhando assim a liberdade imediata em troca de seu serviço militar”. De acordo com Synan e Fox<sup>13</sup>

Embora Lincoln estivesse comprometido em acabar com a escravidão e tivesse declarado que todos os escravos seriam livres a partir de 1º de janeiro de 1863, ele não queria colocar o exército da União em desvantagem tática por ter que cuidar de escravos libertos sem-teto enquanto o Norte ainda estava lutando. uma guerra. Portanto, Simon tomou a única opção que um escravo vivendo na paróquia de St. Mary, e desejando desesperadamente a liberdade, poderia tomar; em 10 de outubro de 1863, ele se tornou um soldado de infantaria no Corps d'Afrique, mais tarde chamado de Infantaria Colorida dos EUA.<sup>3</sup> Simon serviu seu país por três anos na Louisiana e na Flórida e foi dispensado com honra em 7 de setembro de 1866.

Já a mãe de Seymour, Phillis Salaba, era uma escravizada de propriedade de Adelard Carlin, um dos proprietários mais ricos de St. Mary, dono de uma fazenda de 2.110 hectares, 80 cavalos, 40 mulas, 30 vacas leiteiras, 150 porcos e de mais 111 escravizados (112 com Phillis Salaba). Quando se casou com Simon em 27 de julho de 1867 ambos eram instruídos na fé católica. Em 1724 foi emitido o chamado *Código Negro* que exigia que os colonos instruissem e batizassem os escravos no catolicismo. O próprio Willian Seymour foi batizado aos 4 meses de idade. Todavia, a síntese entre a religião africana, cristã e das religiosidades locais fazia com que os negros americanos fossem criados em um contexto com “várias formas de vodu, superstições e medos”. Mesmo assim, tanto a religião cristã quanto a religião africana acreditavam em manifestações espirituais, bem como curas, transe e possessões. O pentecostalismo posterior irá beber dessa fonte<sup>14</sup>.

Seymour cresceu em um cenário de desigualdades. Em 1877 os republicanos concordaram em tirar as tropas federais do Sul dos EUA, mas não cumpriram a promessa de libertação dos negros prevista no documento de Lincoln de 1863. Pelo contrário, mesmo que os negros deixassem de ser escravizados, foram negadas liberdades básicas como “o direito de

---

<sup>12</sup> Texto disponível em <https://constitutioncenter.org/interactive-constitution/blog/a-common-interpretation-the-thirteenth-amendment>. Tradução nossa. Acesso em 20/05/2022

<sup>13</sup> SYNAN, Vinson; FOX, Charles Fox Jr. Willian Seymour Pioneer of the Azusa Street Revival. Alachua: Bridge Logos, 2012., p.18.

<sup>14</sup> Ibid.,op cit.

votar, o direito de obter educação e o direito de se beneficiar de oportunidades de emprego”<sup>15</sup>. O Sul também estava lotado de supremacistas brancos que praticavam atrocidades. Entre os grupos podemos citar a atuação da *Kun Klux Klan* e também da Liga Branca.

Foi nesse cenário de intenso racismo que fez Seymour se mudar “para uma área mais acolhedora para os negros que queriam liberdade da opressão e uma oportunidade de viver o sonho americano”. De acordo com Synan e Fox<sup>16</sup>:

Ele deixou o Sul antes do início real da Grande Migração, quando milhares de afro-americanos se mudaram do sul rural para o norte urbano. Muitas dessas pessoas esperavam escapar do problema persistente do racismo no Sul e realmente acreditavam que encontrariam maiores oportunidades econômicas e uma vida melhorada no Norte. Estima-se que mais de um milhão de afro-americanos participaram desse movimento de massa entre 1910 e 1930.

O ano era 1896 quando Seymour se mudou para Indianopolis. A situação, apesar de continuar sendo desigual, era totalmente diferente do que encontrava em sua terra natal. Nessa cidade houve a confirmação de sua conversão ao protestantismo na Igreja Episcopal Metodista Interracial.

Por fim, Willian Howard Durham nasceu em Brodhead, uma cidade do condado de Rockcastle no Kentucky. Foi nesse estado que ingressou na Igreja Batista em 1891, “mas não se converteu a Cristo até sete anos depois, enquanto estava em Minnesota, onde teve uma visão do Cristo crucificado”<sup>17</sup>. As informações acerca do local de nascimento, infância e desenvolvimento da teologia de Durham são escassas na historiografia pentecostal. A maioria dos trabalhos dá ênfase ao seu ministério já em Chicago e a formulação de sua teologia da Obra Consumada. No entanto, assim como os outros pais do pentecostalismo, Durham ingressou no movimento de santidade, mais precisamente na *Faith Missionary Association*. Mesmo artigos como *William H. Durham and Early Pentecostalism* de Christopher Reassessment (2015) se resumem a analisar a vida de Durham a partir de sua experiência em Chicago. Dessa forma, por não termos maiores informações sobre a sua infância e nem sobre sua juventude, pouco podemos falar sobre as influências sofridas pelo contexto em sua trajetória.

---

<sup>15</sup> SYNAN & FOX, op. cit., p. 19

<sup>16</sup> Ibid., op.cit., p. 27

<sup>17</sup> BURGESS, Stanley; MAAS, Eduard M. Van. *The New International, Dictionary of Pentecostal Charismatic Movements*. Califórnia: Zondervan, 2002, p. 1468

## 2 ASPECTOS BIOGRÁFICOS

O nosso primeiro personagem, Charles Fox Parham, nasceu em 1873 em Muscatine, estado do Iowa. Como dito anteriormente, a família de Parham se mudou para o Kansas em 1878 para tentar uma ascensão social. O Kansas era um lugar difícil, para homens e mulheres fortes e que sabiam enfrentar as dificuldades. No entanto, Parham foi uma criança muito doente. Desde sua infância sofria de febres constantes, espasmos, crescimento da cabeça, febre reumática e infecção de tênia. Até os efeitos colaterais dos remédios eram problemáticos para Parham, pois esses remédios eram muito fortes. Por causa disso, a sua infância não foi no campo, mas próximo à sua mãe.

Com os afazeres domésticos o passatempo de Parham era a leitura, mas haviam poucos títulos disponíveis na biblioteca de sua mãe, o que fazia com que a leitura predileta de Parham fosse a Bíblia Sagrada. Futuramente essa falta de leituras além da Bíblia será motivo de orgulho para Parham, pois defendia a ideia que fora criado sem ideias preconcebidas, sem conhecimento de credos e doutrinas e sem os olhos religiosos tradicionais para a ler a Bíblia. Segundo Jacobsen Parham meditou que a ingenuidade ao ler a Bíblia de “forma justa e precisa, sem quaisquer preconceitos distorcidos, o ajudou a ‘suportar os vendavais teológicos, que levaram tantos outros ao erro’<sup>18</sup>.

Quando Parham tinha 12 anos de idade a sua mãe faleceu. Ela era a única referência teológica que Parham tinha. Havia poucas igrejas no Kansas, logo o que restava para Parham era pregar para os gados da fazenda que morava, mesmo que segundo seu relato pessoal ainda não houvesse experimentado a conversão. No mesmo período haviam muitos pregadores itinerantes no Kansas. Um deles era chamado de Irmão Lippard, pastor congregacionalista. O local de reunião dos cultos era a escola de Parham. Essa era o único hobby semanal de Parham que estava ameaçado de terminar, pois de forma apelativa o irmão Lippard declarou que se ninguém se convertesse naquela reunião elas terminariam. Diante disso Parham levantou a mão declarando a sua conversão, o que aconteceria de fato – segundo o relato de Parham – somente quando estava indo para a sua casa<sup>19</sup>.

Pouco tempo depois começou a trabalhar o seu ministério em uma igreja metodista e no auge dos 16 anos ingressou no *Southwest Kansas College*. Esta é uma escola que existe até hoje

---

<sup>18</sup> SYNAN, Vinson; FOX, Charles Fox Jr. *William Seymour Pioneer of the Azusa Street Revival*. Alachua: Bridge Logos, 2012, p.21.

<sup>19</sup> GOFF Jr, James. *Fields White Unto Harvest: Charles F. Parham and the missionary origins of Pentecostalism*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1999.

e pertence à Igreja Metodista e foi fundada em 1885. Parham estudava para cumprir o seu chamado ministerial, mas não deixava de sentir as dificuldades causadas pela sua doença. As dores no corpo, o excesso de estudos universitários e a influência do racionalismo acadêmico causavam em Parham desconforto<sup>20</sup>. Como conciliar tudo isso e olhar para o futuro ministério sem se incomodar com as baixas remunerações? Como se importar com a remuneração não sendo um peso para a igreja? A opção de Parham foi trocar de curso, desistindo do ministério para ingressar no curso de medicina. Será no curso de medicina que Parham irá passar a sua verdadeira experiência de cura, quando depois de uma longa crise chega na conclusão de que o diabo o havia convencido daquela decisão. De acordo com Parham:

Ficamos enojados com a perspectiva; ao mesmo tempo estávamos seriamente atormentados com a promessa, que havíamos feito ao Senhor, quando nos convertemos, de ir para a África como um missionário. Por ser inválido por muitos anos, o diabo sugeriu que seria um trabalho muito filantrópico tornar-se médico; para aliviar o sofrimento da humanidade; e então, aos poucos, tenha uma boa casa e alguma facilidade e conforto neste mundo. Assim, escolhemos nossos estudos com esse fim em vista; mas a lâmpada da vida se apagou. O diabo tentou nos fazer acreditar que poderíamos ser médicos e também cristãos<sup>21</sup>.

Após desistir do curso de medicina, Parham retoma ao ministério metodista com a certeza da mensagem da cura. Isso irá durar pouco tempo, pois em 1895 retira-se do ministério. Casa-se com Sarah Thistlewaite no ano seguinte, sendo muito influenciado pelo avô de sua esposa David Backer, um *quacker* convicto da ideia do aniquilacionismo. Convictos da mensagem de cura, mudam-se para Topeka, capital do Kansas. Como primeiro empreendimento missionário na cidade fundam a Casa de Cura Betel. O objetivo da casa era oferecer serviços de enfermagem que atraíssem as pessoas acometidas de doenças até que elas compreendessem e cressem na mensagem de cura. A casa não servia somente para isso, obviamente. De acordo com Jacobsen (2003) a casa oferecia serviços de orfanato, missões de resgate para as prostitutas da cidade e agência de empregos para os desempregados e os sem teto.

A teologia de Parham foi muita influenciada por nomes como Frank Sandford e Alexander Dowie. No entanto, reconhecia que nenhum deles havia experimentado aquilo que os apóstolos haviam experimentado. A Casa de Cura Betel não durou muito tempo, haja vista que o patrocínio que possibilitava o sustento era a venda de jornais e doação dos cristãos ricos

---

<sup>20</sup> GOFF Jr, James. *Fields White Unto Harvest: Charles F. Parham and the missionary origins of Pentecostalism*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1999.

de Topeka, o que não teve muito sucesso. Dessa forma, Parham partiu para uma escola bíblica, a Escola Betel, e ali começou a estudar com seus alunos o livro de Atos e a buscar evidências do que seria o verdadeiro batismo com Espírito Santo. A conclusão foi que esse batismo era evidenciado pelo falar em línguas. Dessa forma, no primeiro dia de 1901, uma das alunas de Parham, Agnes Ozman, experimentou, segundo relatos, o falar em línguas. Vinson Synan escreveu o seguinte:

Naquelas reuniões, afirmou-se mais tarde, os alunos falaram 21 idiomas conhecidos (por exemplo, sueco, russo, búlgaro, japonês, norueguês, francês, húngaro, italiano e espanhol). De acordo com Parham, nenhum dos alunos havia estudado os idiomas falados, e todos os casos foram confirmados como autênticos por nativos daquelas línguas. Parham imediatamente começou a ensinar que nenhum missionário cristão tinha necessidade de aprender outra língua. Precisava apenas receber o batismo com o Espírito Santo e assim seria miraculosamente capacitado a falar qualquer idioma que se fizesse necessário. Parham sustentou essa convicção até o fim da vida, a despeito das muitas evidências de que isso nunca se tenha concretizado<sup>22</sup>.

A partir daí o ministério de Parham terá como ênfase a busca pelo falar em línguas e a divulgação desta interpretação bíblica. Por mais que em Topeka seu ministério não tenha feito sucesso, seu ministério vai encontrar ouvintes em Galena, no Kansas, e em Houston, no Texas. Será lá o lugar da maior polêmica da vida de Parham, isto é, a acusação de que teria praticado racismo contra Willian Seymour. Na escola bíblica organizada por Parham em Houston, Seymour será um dos alunos. Seymour sabia da existência de uma escola bíblica organizada pelo avivalista de Topeka por meio da sua amizade com Lucy Farrow, pastora negra de santidade. Farrow havia sido governanta da casa de Parham e Seymour tinha sido pastor da igreja de Farrow. De acordo com Synan e Fox, o papel desenvolvido por Lucy Farrow foi central “porque ela despertou o interesse de Seymour ao mencionar suas experiências no Kansas, um relato brilhante de ter falado em línguas na residência de Parham”<sup>23</sup>.

A relação de Parham e Seymour é complexa. Por um lado, Parham era um entusiasta das leis supremacistas de Jim Crown. Por outro lado, consciente de seu chamado evangelístico em um tempo que era escatológico, Parham se propôs a ser um evangelista também na comunidade negra. Seymour estudou com Parham por cerca de cinco semanas antes de ser chamado a pastorear uma igreja que ficava em Los Angeles. No entanto, o que fez Parham ser chamado de racista é o fato de não permitir que Seymour assistisse as aulas no mesmo lugar

---

<sup>22</sup> ROOT, Jonathan. *A People's Religion: the populist impulse in early Kansas pentecostalism, 1901-1904*. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Kansas State University, Manhattan, 2009, p.81.

<sup>23</sup> SYNAN & FOX, op.cit., p. 57

que os outros alunos, ficando na porta enquanto Parham dava as aulas. Isso foi suficiente para fazer com que Seymour acreditasse que o batismo com Espírito Santo era correto. Segundo Jacobsen:

Seymour aceitou o convite para Los Angeles como um chamado de Deus e quase imediatamente seguiu para o oeste. Dentro de uma semana, Seymour chocou sua nova congregação ao proclamar que falar em línguas era o único sinal que indicava que uma pessoa havia genuinamente recebido o batismo do Espírito. Os membros da igreja ficaram indignados e trancaram as portas contra ele. Apoiado por apenas alguns dos membros mais radicais do grupo (ou seja, Edward Lee, Richard e Ruth Asberry e um punhado de outros), Seymour tentou continuar. Ele realizou reuniões de oração na casa dos Asberrys, e essas reuniões logo começaram a atrair uma multidão de simpatizantes. Sentindo a necessidade de ajuda, Seymour escreveu e pediu a Lucy Farrow e J. A. Warren que fossem à Califórnia para ajudá-lo. Dentro de algumas semanas eles estavam ao seu lado<sup>24</sup>.

As reuniões na casa dos Asberrys logo precisaram ir para outros lugares, pois em 1906, após serem batizados com Espírito Santo, o espaço ficou pequeno para o tanto de pessoas que chegavam. O lugar foi um prédio vazio que anteriormente era o prédio da Igreja Episcopal Metodista Africana na Rua Azusa, 312. Estava dado o ministério da Rua Azusa, principal marco da história do pentecostalismo<sup>25</sup>. O ministério da Rua Azusa, por três anos sem nenhum tipo de interrupção, foi marcado pelo cantar e pelo falar em línguas e pelas profecias<sup>26</sup>. Autores como Douglas J. Nelson e Hollenweger concordam que não foi a teologia de Charles Fox Parham que deu origem ao movimento pentecostal, mas sim a diversidade concedida pela Rua Azusa em Atos 2, haja vista que o movimento havia sido marcado pela diversidade étnica e racial. Atos 2, texto bíblico que dá origem para a igreja primitiva e que retrata o derramamento do Espírito Santo em Jerusalém na festa de pentecostes, teria como ponto central não as línguas, mas sim a queda do muro étnico racial que dividia os judeus<sup>27</sup>.

Willian Durham, nascido e crescido em Kentucky, ingressou na igreja batista em 1891, mas foi em Minnessota que Durham ingressaria no movimento de santidade estabelecido por George Lorenzo Morgan. Nessa época, que ele relatou ser a sua verdadeira conversão, Durham tinha 25 anos. Foi somente em 1910 que a experiência de santidade, comum nos círculos que

---

<sup>24</sup> JACOBSEN, Douglas G. Thinking in the Spirit: Theologies of the early pentecostal movement. Bloomington: Indiana University Press, 2003, p.81.

<sup>25</sup> BURGESS, Stanley; MAAS, Eduard M. Van. The New International, Dictionary of Pentecostal Charismatic Movements. Califórnia: Zondervan, 2002, p. 1468

<sup>26</sup> HOLLENWEGER, Walter J. The Pentecostals: The Charismatic Movement in the Churches. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1972.

<sup>27</sup> LEE, Chang-Soung. Speaking in Tongues Privately and Publicly: Charles F. Parham's View of Speaking in Tongues. 18<sup>TH</sup> Annual Meeting of Society for Pentecostal Studies in Korea, 2015,p.11.

Durham frequentada, foi de fato experimentado por ele, tempos depois de perder “lentamente tanto a alegria de sua salvação, quanto a sensação de segurança que possuía anteriormente”<sup>28</sup>. Para os pregadores de santidade essa experiência era o batismo com Espírito Santo e capacitava o crente para não mais sofrer os ataques do pecado. Durham começou a pregar essa mensagem, mas quando era pastor na cidade de Chicago foi impactado por notícias que vinham de longe, isto é, estava acontecendo um “derramamento do Espírito Santo em Los Angeles”<sup>29</sup>.

O que era apenas uma notícia parece que se tornou fato quando John Sinclair relatou que foi batizado com Espírito Santo. Como Sinclair era um homem de confiança de Durham, a possibilidade se abriu para conhecer a mensagem pentecostal. Mesmo assim, houve certa hesitação, resolvida com a lida do livro de Atos e do convencimento da mesma interpretação formulada por Charles Fox Parham e reproduzida por Willian Seymour na Rua Azusa. Jacobsen diz o seguinte:

A questão tornou-se então como receber essa bênção, e Durham estava convencido de que o melhor método era em primeira mão. Então ele pegou o trem para Los Angeles para ver o que estava acontecendo na Missão Azusa. Ele chegou a Los Angeles no início de fevereiro e, após um mês de observação e luta espiritual, finalmente recebeu seu batismo. Durham descreveu a experiência com grande atenção ao físico. Ele disse que seu corpo foi “empurrado e abalado” por três horas antes que Deus finalmente tomasse conta de suas cordas vocais e começasse a usar sua língua e lábios “para produzir sons estranhos”. Mais ou menos na mesma época, disse ele, “ouviu o irmão Seymour, o pastor, dizer: ‘Ele já passou’”<sup>30</sup>.

Dessa forma a tríade pentecostal estava formada. Em Topeka, primariamente, passando por Galena e terminando no Texas, o ministério de Charles Fox Parham. Esse ministério foi responsável por formular a teologia do movimento pentecostal. É óbvio que o pentecostalismo não pode ser resumido na interpretação de que a evidência do Batismo com Espírito Santo é o falar em línguas, como se verá no tópico seguinte, mas certamente é essa a característica principal do movimento que o distingue dos outros. Já Willian Seymour protagonizou a missão da Rua Azusa. Será desse lugar que irá sair missionários não somente para os EUA, mas para todo mundo. Willian Durham, que aprendeu sobre o pentecostalismo em Azusa, será o pastor que irá inspirar o pentecostalismo brasileiro, haja vista que foi por meio dele que Gunnar Vingren, Daniel Berg, Luigi Francescon e Aimee Mcpherson conhecerão o pentecostalismo. Esses indivíduos foram líderes das Assembleias de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Igreja do Evangelho Quadrangular, respectivamente.

---

<sup>28</sup> JACOBSEN, op.cit., p. 137

<sup>29</sup> Ibid.,op.cit., p. 138

<sup>30</sup> Idib.,op.cit., loc.cit

### 3 AS TEOLOGIAS PENTECOSTAIS

Uma das melhores expressões ao se referir ao movimento pentecostal é a de que esse movimento é formado por “lideranças criativas”. As interpretações apresentadas por Parham em suas escolas bíblicas logo foram adaptadas, acrescentadas ou até mesmo rejeitadas nos públicos pentecostais que foram se criando nos diferentes lugares. Em outras palavras, já na primeira geração de pentecostais podemos falar em pentecostalismos. Com o tempo, de forma desonesta, o pentecostalismo foi acusado de ser “uma fé emocional e não cognitiva”. A própria expressão “teologia pentecostal” foi compreendida por muito como um oxímoro, isto é, palavras de sentido oposto que não possuem ligação entre si. Todavia, escreve Jacobsen:

A experiência religiosa de alta tensão tem sido um aspecto importante da fé pentecostal desde o início, e muitas transmissões de televisão, publicações e sites pentecostais contemporâneos parecem ter a intenção de reforçar esse estereótipo todos os dias. Mas a experiência é apenas metade do quadro da fé pentecostal. Desde os primeiros dias do movimento, a experiência e a teologia estiveram unidas, e a relação sempre foi recíproca. A experiência pentecostal foi circunscrita pela teologia, e a teologia pentecostal foi fundamentada na experiência<sup>31</sup>.

Esse movimento circular entre teologia pentecostal e experiência pentecostal gerou na primeira geração divisões entre a teologia de Charles Fox Parham, Willian Seymour e Willian Durham. Sobre a ideia presente tanto no pentecostalismo quanto no movimento de santidade de que o cristão passava por mais bênçãos além da salvação, Hollenweger organizou a tabela a seguir:

Tabela 1 - Estágios da Vida Cristã - Tabela elaborada por Hollenweger<sup>32</sup>

Movimento	Estágio 1	Estágio 2	Estágio 3
Igrejas de Santidade	Conversão, <i>também chamado de regeneração</i>	Santificação, distinta em tempo e conteúdo da conversão; também chamado de 'batismo do Espírito' ou 'segunda bênção'. Conhecido	

<sup>31</sup> JACOBSEN, Douglas G. Thinking in the Spirit: Theologies of the early pentecostal movement. Bloomington: Indiana University Press, 2003, p. 2.

<sup>32</sup> HOLLENWEGER, Walter J. The Pentecostals: The Charismatic Movement in the Churches. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1972, p. 25.

		como o entendimento Wesleyano de santificação. Santificação em tempo determinado e fixo.	
Parham/Seymour – pentecostais de três estágios	Conversão, <i>também chamado de regeneração</i>	Santificação, distinta em tempo e conteúdo da conversão, e também chamada de 'segunda bênção'. Santificação em tempo determinado e fixo. O tema pastoral por trás dessa compreensão da santificação é que o Espírito Santo só pode entrar em corações purificados.	Batismo do Espírito, com o falar em línguas.
Durham; pentecostais de dois estágios (cap.2.4):	Conversão, também chamada de regeneração.	Batismo do Espírito, com o falar em línguas. (Aqui a santificação é entendida como um processo contínuo ao longo da vida; conhecido como o 'compreensão batista de santificação'.)	

Como a tabela acima apresenta, entre o movimento de santidade e a formulação teológica de Willian Durham houve a formulação da chamada “terceira bênção” ou “terceiro estágio”. Em um primeiro estágio o cristão era regenerado ou convertido, passando pelo processo de santificação e terminando no batismo com Espírito Santo, a última etapa da vida cristã. Para Parham, a função do batismo com Espírito Santo evidenciado pelo falar em línguas era principalmente a evangelização mundial, pois, segundo ele, economizaria-se anos de escolas de idiomas quando se recebesse o dom de línguas<sup>33</sup>. Segundo Lee, as línguas para Parham existiam na sua dimensão pública e privada, sendo as línguas privadas para adoração,

<sup>33</sup> LEE, Chang-Soung. Speaking in Tongues Privately and Publicly: Charles F. Parham’s View of Speaking in Tongues. 18<sup>TH</sup> Annual Meeting of Society for Pentecostal Studies in Korea, 2015, p.14.

conversa e louvor a Deus e as línguas públicas como evidência do batismo que tinha acontecido internamente, além de ser uma ferramenta para o testemunho em outras nações. As línguas para Parham eram idiomáticas, isto é, representavam idiomas humanos. Com o tempo, porém, identificou que essas línguas poderiam ser ininteligíveis e se converterem em verdadeiros dons de linguagem.

Existem particularidades em cada teologia desses três personagens que fogem necessariamente a doutrina pentecostal. As ideias diversas de Parham, por exemplo, podem ser conhecidas a partir do *Jornal Fé Apostólica* e dos livros *A Voice Crying in the Wilderness* de 1902 e *The Everlasting Gospel* de 1920. Entre as ideias bastante específicas de Parham, as quais não nos adentraremos aqui, estava a ideia excêntrica de que os anglo-saxões eram descendentes das tribos perdidas de Israel, a visão não literal do primeiro capítulo de gênesis e da criação e que os EUA sofreriam tentativas de serem escravizados pelo anticristo. As informações escatológicas na teologia de Parham passavam pelo livro de Daniel, o livro apócrifo de II Esdras e uma profecia do presidente norte americano George Washington. Seymour tinha, igualmente, preocupações teológicas que fugiam às formulações básicas do pentecostalismo. No entanto, diferente de Parham, a preocupação de Seymour caminhava mais pela perspectiva pastoral do que especulativa<sup>34</sup>.

A grande diferença no debate veio mesmo com Willian Durham. Autores como Richmann (2015) informam que historicamente se construiu a ideia de que Durham foi o primeiro a trazer a ideia de uma teologia de santificação que se afastava do pensamento wesleyano. Por causa disso, nos círculos pentecostais da sua época Durham era visto com maus olhos. Muitas acusações falsas foram feitas posteriormente acerca de Durham e de suas formulações. A Igreja de Deus em Cleveland, ligada ao movimento wesleyano, publicou certa vez que na conferência de *Stone Church* em 1910, uma reunião de unidade e bênçãos segundo eles, foi realizado a primeiro grande cisma dentro do pentecostalismo por causa da fala de Durham em relação a *obra acabada no calvário*. Richmann (2015) prefere entender que a teoria da *obra acabada* era fruto de A.S Copley. A participação de Durham foi apenas de um “porta voz de um subconjunto mais amplo de pentecostais que estavam descontentes com o entendimento wesleyano de santificação” (2015, p. 243).

A ideia da *obra consumada* previa a “santificação era um processo que se iniciava na

---

<sup>34</sup> JACOBSEN, Douglas G. *Thinking in the Spirit: Theologies of the early pentecostal movement*. Bloomington: Indiana University Press, 2003

conversão e continuava com um crescimento ininterrupto. Segundo Synan<sup>35</sup> :

Na época, alguns pentecostais independentes que concordavam com Durham uniram-se a ele para formar as Assembleias de Deus, em 1914. A maioria das igrejas pentecostais surgidas depois no mundo adotou o ponto de vista de Durham. As experiências desses pentecostais foram reduzidas de três para duas. Depois disso, os pentecostais da “obra consumada” passaram a testemunhar que eram “salvos e batizados no Espírito Santo”, sem referência à santificação.

Mas a influência de Durham não se resume às contradições com o restante do pentecostalismo de sua época. Tanto Durham quanto Parham compartilhavam o mesmo lugar de novidade e alternativa em relação ao cessacionismo e a alta crítica teológica presentes nas universidades daquele contexto. Enquanto os cessacionistas acreditavam que os dons haviam cessado no período de produção do Novo Testamento, os entusiastas da Alta Crítica teológica sequer acreditavam que os milagres haviam acontecido. Os pentecostais atuavam nesse vácuo aberto entre as duas perspectivas, crendo naquilo que havia acontecido no período bíblico, mas também entendendo que essas experiências estavam presentes no aqui e no agora. Durham era mais otimista em relação aos conservadores, haja vista que ele entendia que eles defendiam “com excelência a Bíblia como a Palavra de Deus contra os liberais que se aproximavam da Bíblia por meio da Alta Crítica”. Eles também afirmavam que “Jesus Cristo era filho de Deus”<sup>36</sup>. Já em relação à Alta Crítica, Durham entendia que eles haviam tentado danificar a inspiração da Bíblia, excluir o poder transcendental de Deus e transformar as histórias em simples fábulas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Seja você um pentecostal, um cristão tradicional ou mesmo um ateu terá que admitir que o pentecostalismo é relevante em nossa sociedade. Ao mesmo tempo terá que se desprender da ideia de que o movimento pentecostal é meta-histórico, ou seja, tem uma origem fora da história. Como vimos aqui neste trabalho, antes de ser meta-histórico o pentecostalismo está preso na história e dela depende as suas características e a possibilidade de identificarmos pentecostalismos diversos. Assim como todas as fases e os movimentos do cristianismo o contexto histórico contribuiu para o crescimento, as características e até mesmo a interpretação

---

<sup>35</sup> SYNAN, Vinson. O Século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Editora Vida, 2009.,p.65

<sup>36</sup> LEE, Chang-Soung. Speaking in Tongues Privately and Publicly: Charles F. Parham’s View of Speaking in Tongues. 18TH Annual Meeting of Society for Pentecostal Studies in Korea, 2015, p. 6.

que se fazia da Bíblia. Charles Fox Parham, Willian Seymour, Willian Durham e milhões de pentecostais espalhados pelo mundo todo adaptaram aquilo que receberam de outras pessoas e construíram algo novo.

As pesquisas sobre esse trio fundante feitas em território brasileiro podem trazer contribuições novas. Problemas e contribuições sociais identificadas em território norte-americanos por norte-americanos podem ser incluídas às interpretações feitas por brasileiros, desvinculando-se de necessariamente repetir o que está sendo produzido lá fora e contextualizando à nossa realidade. Um dos problemas, por exemplo, é a repetição em território brasileiro do Destino Manifesto norte-americano maquiado de reverência aos fundadores do pentecostalismo. De fato, o fiel que reverencia a história de seus antepassados teológicos está fazendo por um ato de respeito a sua própria história. No entanto, essa ação pode cair no perigo de se interpretar que qualquer mudança histórica feita em seu próprio país é uma transgressão do que foi criado originalmente. Assim sendo, identificar que mesmo nos EUA o pentecostalismo era diversificado em seus primeiros anos é necessário para evitar esse tipo de divinização do que é do exterior como se lá as coisas não mudassem historicamente e não tivessem a influência do meio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURGESS, Stanley; MAAS, Eduard M. Van. *The New International, Dictionary of Pentecostal Charismatic Movements*. Califórnia: Zondervan, 2002.
- CALIL, Gilberto. Partido de Representação Popular: estrutura interna e inserção eleitoral (1945-1965). *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n.5, janeiro-julho de 2011, Brasília. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/tQYhC3QM6kHnJbtWxzycjqm/?lang=pt>. p. 351-382.
- FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001, p. 380.
- GOFF Jr, James. *Fields White Unto Harvest: Charles F. Parham and the missionary origins of Pentecostalism*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1999.
- HOLLENWEGER, Walter J. *The Pentecostals: The Charismatic Movement in the Churches*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1972.
- JACOBSEN, Douglas G. *Thinking in the Spirit: Theologies of the early pentecostal movement*. Bloomington: Indiana University Press, 2003
- LEE, Chang-Soung. Speaking in Tongues Privately and Publicly: Charles F. Parham's View of Speaking in Tongues. 18<sup>TH</sup> Annual Meeting of Society for Pentecostal Studies in Korea, 2015, p. 1-18.
- LEE, Chang-Soung. Two Theological Battle Lines of Early Pentecostal Leaders, Charles F. Parham and Willian H. Durham. *Journal of Yongsan Theology*, 33, junho de 2015, p.1-18.
- LEE, Chang-Soung. Who is the father of Pentecostal Movement? *Journal Of Yongsan Theology*, Yongsan, v. 43, p. 303-354, 2018.

RICHMANN, Christopher J. Willian H. Durham and Early Pentecostalism: A multifaceted Reassessment. *Pneuma*, 37, 2015. Disponível em: [https://brill.com/view/journals/pneu/37/2/article-p224\\_4.xml](https://brill.com/view/journals/pneu/37/2/article-p224_4.xml). p. 224-243.

ROOT, Jonathan. *A People's Religion: the populist impulse in early Kansas pentecostalism, 1901-1904*. 2009. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Kansas State University, Manhattan, 2009.

SYNAN, Vinson. *O Século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Editora Vida, 2009.

SYNAN, Vinson; FOX, Charles Fox Jr. *Willian Seymour Pioneer of the Azusa Street Revival*. Alachua: Bridge Logos, 2012.